



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ADRIANA APARECIDA CASSIANO

**O PRAZER DE LER:**  
O INCENTIVO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

---

LONDRINA  
2009

ADRIANA APARECIDA CASSIANO

**O PRAZER DE LER:**  
O INCENTIVO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Beatriz Carmo Lima  
de Aguiar.

LONDRINA  
2009

ADRIANA APARECIDA CASSIANO

**O PRAZER DE LER:**  
o incentivo da leitura na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual de Londrina.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Beatriz Carmo Lima de Aguiar  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Ms. Joarez Gomes  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Marta Regina Furlan de Oliviera  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 12 de novembro de 2009.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico ao meu filho, que em seu nascimento, proporcionou-me coragem para seguir com o trabalho, e meu marido pela sua infinita compreensão e paciência.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus em primeiro lugar, por me dar sabedoria e paciência para atingir os meus objetivos.

A minha orientadora professora Beatriz Carmo Lima de Aguiar, pela dedicação e paciência dispensados à minha pessoa.

A minha querida sogra Vera Lucia de Faria, por cuidar de meu filho para realização desta pesquisa.

A todos meus amigos de graduação, que de alguma forma ajudaram na construção deste trabalho.

A toda minha família, que tanta paciência e tolerância tiveram comigo no decorrer do curso de graduação, e conclusão deste trabalho.

CASSIANO, Adriana Aparecida. **O prazer de ler:** o incentivo da leitura na Educação Infantil. 2009. 48.fl.s. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo um estudo sobre o incentivo da leitura na educação infantil. A pesquisa foi desenvolvida através da literatura bibliográfica com intuito de buscar subsídios teóricos ao professor, para que ele possa contribuir com o processo de incentivo a leitura prazerosa, sem perder seu caráter lúdico. Cabe também ao professor o papel de estimular a criança a apreciar uma boa leitura. Este deverá intervir adequadamente, contribuindo para a busca de uma aprendizagem que seja significativa para criança. Desta forma, a pesquisa faz um resgate histórico sobre o lúdico e a infância, para conhecer o universo infantil, assim como, as várias concepções de infância ao longo do processo histórico, reconhecendo a criança enquanto sujeito histórico e cidadã. No segundo capítulo tem-se a condição reconhecer o processo de letramento a qual a criança se encontra para melhor trabalhar o conceito de leitura e escrita com esta. Nessa contextualização, pode-se oportunizar melhores recursos e formas para incentivar o aluno ao prazer de ler, utilizando a literatura infantil com um importante recurso que irá contribuir para esse processo.

**Palavras-chave:** Leitura. Prazer de ler. Literatura. Educação infantil.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A INFÂNCIA E O LÚDICO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPITULO 2 - A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO PARA AQUISIÇÃO DA LEITURA .....</b>	<b>22</b>
<b>CAPITULO 3 - LITERATURA INFANTIL: UM IMPORTANTE RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DO PRAZER DE LER .....</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

Trabalhar com a criança é enriquecer nossa experiência de vida, devido aos desafios encontrados nesse trajeto. Nesse contexto, a leitura iniciada na educação infantil com as crianças abre espaço para a busca do prazer de ler.

Acreditamos que o ato do professor contar histórias para as crianças pode desenvolver diversas formas de linguagem, ampliando seu vocabulário. E também a leitura proporciona a ela viver seu imaginário de forma lúdica e prazerosa.

Mas como os professores podem contribuir para o processo da leitura iniciada na educação infantil sem perder seu caráter lúdico e prazeroso? Assim, o trabalho tem como objetivo, buscar na literatura bibliográfica, subsídios teóricos que contribuam para o estudo sobre o incentivo do prazer de ler, iniciado na educação infantil, verificando quais recursos podem ser utilizado pelos professores para esse processo, sem perder seu caráter lúdico.

O interesse por esse tema partiu da experiência que tive com a pedagoga de uma instituição de educação infantil. Esta apresentou em uma de suas reuniões a proposta de trabalhar o “momento da leitura”.

A referida proposta a princípio pareceu-me que resultaria num interesse passageiro por parte das crianças, mas surpreendeu-me à medida que fui percebendo como as crianças cada vez mais se interessaram pela leitura. Com essa experiência em sala de aula, surgiu o interesse pela pesquisa sobre a análise da leitura como instrumento de prazer, iniciada desde a educação infantil.

A partir dessa experiência também passei a refletir o quanto nós professores também não lemos o suficiente, e não estimulamos os nossos alunos a ter hábitos de leitura, se não gostamos de ler, como podemos incentivar os outros a lerem?

A própria história da leitura, nos mostra que este é um problema antigo, pois, inicialmente a leitura era para elite somente. Com o passar dos anos outros poucos favorecidos, ou seja, a massa começou a ter este acesso.

Segundo Perroti (1990, p. 13)



Até então, era quase natural conceber a leitura como comportamento restrito a pequenas parcelas da população pertencentes às elites. Enquanto comportamento geral, das massas, o fenômeno é novo no Brasil, estando talvez ainda no que poderíamos chamar de “fase heróica”. Em outras palavras, lutamos com níveis prévios, como alfabetização da imensa massa de brasileiros que não conseguiram e não consegue ir à escola, lutamos com uma infra-estrutura educacional e cultural extremamente precária, lutamos com hábitos e atitudes arraigadas na cultura e que não são vencidos com facilidade.

A leitura ao longo de seu processo histórico na escola tem um caráter alfabetizador, muitas vezes, torna-se um ato de aprender a ler decifrando o código da escrita. Portanto é necessário um estímulo em torno da leitura, ou seja, mudar essa visão de leitura para conhecer a escrita, desenvolvendo metodologias que despertam o gosto por esta.

Conforme Manguel (1997, p. 89)

Em todas sociedades letradas, aprender a ler tem algo de iniciação de passagem ritualizada para fora de um estado de dependência e comunicação rudimentar. A criança, aprendendo a ler, é admitida na memória comunal por meio de livros, familiarizando-se com um passado comum que ela renova, em maior ou menor grau, a cada leitura.

O estímulo à leitura deve ser iniciado com o hábito de ler em família, fazendo da leitura algo cotidiano, pois esse é um processo que a torna algo simples e natural. Mas a realidade é outra, muitas vezes, a família não participa da educação para a leitura.

Entendemos que o ato de ler deveria ser praticado de forma a se tornar um prazer, em busca do conhecimento intelectual, moral e social.

Por isso, esta pesquisa busca ajudar a reconhecer as dimensões da leitura, melhorando a prática educativa, e por outro lado, a própria reflexão do professor em torno do ato de ler. Destacando o pensamento de Paulo Freire no que se refere à importância do ato de ler, essa pesquisa pretende assim, refletir sobre a prática pedagógica no que se refere o ato de ler de forma prazerosa. É preciso pensar como podemos formar bons leitores, de forma a incentivar o uso da imaginação, criatividade, aguçar todos os sentidos, buscando o conhecimento e também a leitura do mundo.

Conforme diz Freire (2001, p. 11)

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.

Vemos que nossa realidade social ainda é marcada pelo alto índice de adultos que não lêem, tornando-se alienados diante do contexto social em que vivem (PERROTI, 1990, p. 13).

Acreditamos assim, em uma prática educativa onde a leitura deve ser incentivada desde a educação infantil, pelos professores, pois deste modo, eles estarão oferecendo estímulos para as crianças a ter prazer em ler. Assim, ao ingressarem no primeiro ano do Ensino Fundamental já terão estímulos para o desenvolvimento de bons leitores, tornando um fator determinante para o sucesso da leitura pela vida adulta.

Assim, afirma Terzi (1995, p. 14), alguns pesquisadores como Durkim, Beck, Mckee, Brzeinski e Harrison investigaram os efeitos da aprendizagem da leitura precoce no desempenho escolar.

Segundo eles, o domínio da leitura antes de a criança iniciar a primeira série é um fator determinante de seu bom desenvolvimento como leitora. Ou seja, o fato de a criança estar inserida numa cultura letrada tem uma influencia positiva significativa em seu progresso em leituras nas primeiras séries escolares.

O professor de educação infantil deve estar preparado para uma prática diária sobre a leitura, oferecendo condições de desenvolvimento do letramento das crianças, tornando sua prática educativa, mais que uma arte de contar história somente. É necessário considerar a leitura como um todo, atribuindo uma prática de aprendizagem que considere também todo o contexto em que este aluno está inserido.

Para Soares (apud BRITO 1998, p. 12) para ser letrado “não basta apenas saber ler e escrever é preciso também saber fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente”.

Conforme Brito (2005, p. 16)

O grande desafio da educação infantil está exatamente em, em vez de se preocupar em ensinar as letras, numa perspectiva redutora de alfabetização (ou de letramento), construir as bases para que as crianças possam participar criticamente da cultura escrita, conviver com essa organização do discurso escrito e experimentar de diferentes formas os modos de pensar escrito.

Assim como a escrita, a leitura requer um contínuo exercício. Somos produtos de vivências e interações com o meio no qual estamos inseridos neste contexto social.

Partindo deste pressuposto, a leitura é um processo a ser praticado desde a tenra infância, e essa prática deve estar presente no início da vida escolar, o primeiro contato estruturado por uma metodologia prazerosa, ligada com seu desenvolvimento natural.

No que tange essa pesquisa, o primeiro capítulo faz um breve resgate histórico sobre as concepções de infância e o lúdico, permitindo assim, conhecer melhor o universo infantil, e reconhecendo a criança como um sujeito histórico e participante ativo nas transformações ocorridas na sociedade. Partindo deste pressuposto, cabe ao professor estabelecer uma reflexão sobre a prática educativa que respeite a criança com sua bagagem cultural. E essa prática planejada e desenvolvida em torno da ludicidade, pode tornar a escola de educação infantil um espaço mais humano e feliz.

Desta forma, a pesquisa aponta a leitura como um importante recurso, enriquecedor de experiências que podem ser vivenciadas de forma lúdica, utilizando o mundo da fantasia e do faz de conta, entre outros elementos.

O segundo capítulo fala da importância do letramento para o trabalho com a leitura, para tanto é necessário o professor valorizar as possibilidades de letramento oferecida pela família, utilizando isso a seu favor, pois, toda criança traz consigo uma experiência de vida que diferencia de criança para criança. Assim acreditamos que é impossível falar de leitura, sem se remeter as possibilidades de letramento de cada criança, e isto implica na organização do trabalho no que se refere a faixa etária e escolha adequada do livro.

Já no terceiro capítulo, apontamos a literatura como importante recurso para o incentivo à leitura prazerosa, devido ao seu caráter de ficção, e rico

em livros, onde está presente um mundo de fantasia, que suscita a imaginação e desperta a criança para o mundo do faz-de-conta. Ao lado destas características, temos o trabalho do professor, como mediador deste incentivo. A literatura além de proporcionar a diversão e entretenimento, também pode ampliar o conhecimento de mundo da criança, que por sua vez, vivencia a leitura como parte de sua realidade.

## **CAPÍTULO 1**

### **A INFÂNCIA E O LÚDICO**

A infância deveria ser o melhor momento de nossas vidas, onde pudéssemos brincar livremente pulando corda, jogando amarelinha, esconde-esconde, peteca, bola de gude, entre outras brincadeiras, mas quando pensamos na infância, logo nos vem à mente um momento de nossas vidas que foi e não volta mais, deixando para muitos, saudades.

Segundo Fernandes (apud BATISTA, 2009, p. 42):

É possível dizer que os adultos que tiveram uma infância marcada pela vivência em grupos de brincadeiras e forte sentimento de coletividade, e que a qualificam como positiva, tendem a tentar reproduzir no presente aquilo que entendem como positivo para oferecer às gerações mais novas com as quais convivem, mediante sua prática como educadores, pais e mães, e no oferecimento de condições de experiências semelhantes (na medida do possível), orientados pela imagem que fazem da criança e da infância.

Por outro lado, analisamos a infância como uma etapa do desenvolvimento humano pela qual se constrói parte do conhecimento do mundo que nos cerca. Como relata Silva (2008, p. 41) “quando nos referimos a infância, somos levados a pensá-la em sua relação cronológica, como uma etapa do desenvolvimento do ser humano, ou ainda, como uma viagem ao interior de nós mesmos, onde encontramos lembranças de um tempo que se foi e não volta mais”.

Assim, desde o nascimento e através das experiências com o outro e o meio, a criança vai construindo seu conhecimento. Essa construção marca as etapas de sua vida, que se configura como o tempo de sua infância, que por sua vez, será diferente dos outros, como também a própria concepção de infância de sua época.

Assim como afirma Martins Filho (2005, p. 01) “podemos inferir que a variedade de vivências e contextos socioculturais das crianças permitem-nos falar não numa infância, mas em infâncias, que são múltiplas e plurais nas suas mais diversas formas de manifestações e produções culturais”.

Por outro lado, participar ativamente desse processo de desenvolvimento enquanto adulto, educador, deveria ser de primordial importância,

como também se entusiasmar e se encantar, pois de certa forma estamos inserindo a criança no mundo de nossa cultura.

Essa inserção se dá a princípio quando são apenas bebês e só conseguimos nos comunicar de uma forma intuitiva, com compreensão e carinho. Finalmente a criança começa a andar, falar, tocar tudo a sua volta, assim construindo todo um conhecimento das experiências vividas. Podemos dizer partindo dessa premissa, que a criança vai se tornando a alegria de nossa vida, e muitas vezes depositamos nelas as esperanças de um futuro melhor. Mas não podemos esquecer que são crianças e cabe aos pais, adultos e professores a tarefa de permitir que elas vivam intensamente conquistando assim, o direito de ser criança e ser feliz.

Enfim, o interessante seria apontar toda infância como sendo linda e maravilhosa, momento único e marcante em nossas vidas. Mas nem todas as infâncias são assim, e quando nos é perguntado qual a concepção que temos de infância, logo nos vêm a mente um ser humano pequeno, frágil, inocente, natural, sem maldade e também sem as preocupações de um adulto. Talvez esta seja uma maneira pela qual tentamos defini-la e acabamos por esquecer de analisar que nem todas as infâncias são assim, devemos sempre considerar que em nossa atualidade existe várias concepções de crianças e infâncias. Todavia devemos sempre considerar o meio social e cultural ao qual esta criança está inserida, ou seja, “a criança é um sujeito histórico. A idéia de infância é forjada nos diferentes contextos sociais, econômicos, políticos, culturais, que por sua vez, mudam através dos tempos e dos lugares” (DIDONET, [2002], p. 92).

Assim, diante de uma pesquisa que visa valorizar o prazer de ler desde a educação infantil, acreditamos ser necessário conhecer melhor esse universo infantil. Mas como definir a criança em uma sociedade que está em constantes transformações sócio-culturais-econômicas-políticas? Pois, conforme Fortuna (2005, p. 10) “corre-se um grande risco ao tentar definir o que é uma criança de forma conclusiva, uma vez que, enquanto o fazemos, a infância já mudou!” Assim entendemos que não se pode admitir na sociedade atual um modelo de criança fechado e acabado. E sim, refletir sobre essa criança na atualidade para que desta forma, se torne possível trazer para a prática educativa, subsídios teóricos que auxiliem na forma de como os professores irão trabalhar com o seu sujeito presente, real em sala de aula.

Ao considerar e compreender os vários contextos ao qual a criança está inserida podemos obter informações sobre as várias concepções de infância, e a diversidade cultural destas. Como relata Batista (2009, p. 20):

A necessidade de compreender as crianças exige caracterizá-la concreta e historicamente. Para isso, é preciso desvendar as relações entre os condicionamentos sociais, políticos, econômicos e culturais, das quais emerge o conceito de criança. A idéia de que existe uma criança única, abstrata, desvinculada da realidade e da dinâmica da sociedade não pode ser sustentada.

Podemos dizer que quando compreendemos que existem várias concepções de infâncias e crianças, estamos refletindo sobre as possibilidades de melhorar a prática educativa com leituras oferecidas a crianças de realidades diferentes. Promovendo assim, uma melhoria na qualidade de ensino, pois conhecer melhor esse aluno implica na escolha de livros que auxiliem no incentivo da leitura por prazer. Além disso, a escolha de livros resulta em novos conhecimentos sobre as crianças de hoje, facilitando a interação do professor com seu aluno, pois é através da interação com o meio físico e social que a criança vai se desenvolver de forma única e integrada.

Portanto, ao considerarmos a criança enquanto sujeito histórico, que traz com ela toda uma bagagem cultural, a prática educativa deve ter como intuito envolver uma visão diferenciada da criança idealizada por nós como sendo um ser ingênuo sem conhecimento, “como se fosse uma folha em branco”, “uma tabua rasa” que aos poucos vai se escrevendo sua história (BATISTA, 2009, p. 27).

Precisamos enquanto professores de educação infantil, reconhecer a necessidade de ampliar o conhecimento sobre as concepções de infância, para que desta forma possamos ter melhor compreensão do desenvolvimento infantil. Deixando de lado as concepções equivocadas e generalistas que temos de criança. Assim como relata Didonet ([2002], p. 92) devemos “deixar de lado idéias de “neutralidade”, “objetividade” e “ingenuidade” diante dos temas da criança e da sua educação”.

Deste modo, cabe a nós educadores considerar que a criança é parte integrante da história da humanidade e suas mudanças e os acontecimentos sociais, culturais e políticos influenciam a sociedade, sendo assim, a criança é parte integrante desta realidade em constante mudança. E enquanto professores de

educação infantil, devemos abrir espaço para essa criança, sem preconceitos e idéias ultrapassadas sobre a infância, pois os professores e adultos em geral têm grande influência na vida desta e é também através desta influência que se constrói sua identidade. Sabemos que a família é a primeira influência na vida da criança e os vínculos afetivos surgem e muitas vezes são determinantes no desenvolvimento da sua socialização e formação da sua personalidade. Depois da família, vem à escola com sua contribuição no desenvolvimento da criança.

Assim, quando analisamos a criança como sujeito ativo do seu processo histórico, percebemos a influência que a família, o adulto e a instituição de educação infantil têm sobre ela. Essas experiências advindas desta interação têm contribuição muito significativa para o desenvolvimento da criança

As mediações do adulto devem permitir a criança construir sua identidade assim como afirma Didonet ([2002], p. 96):

O importante é que ao mesmo objetivo central seja buscado por todas as políticas e por todas as propostas pedagógicas - o desenvolvimento integral integrado da criança, na perspectiva do direito à educação desde o nascimento. Integral por envolver os aspectos físico, social, emocional e cognitivo. Integrado como parte do contexto de interações sociais e ambientais da criança, por intermédio da mediação dos adultos, entre eles o educador, e das outras crianças, constrói sua identidade, seus conhecimentos, seu comportamento, sua integração social.

É essa interação que nos remete pensar a criança enquanto sujeito social e parte integrante de um contexto onde se dá sua educação. Assim a educação infantil é importante para a vida da criança, mas acreditamos ser necessária uma articulação entre família e escola com intuito de exercer o bem-estar da criança, e dar condições para se desenvolver facilitando o processo educativo.

Assim afirma Didonet ([2002], p. 92).

Como sujeito social, a criança é parte intrínseca de uma família, membro da comunidade, inserida, numa sociedade. Seu desenvolvimento, bem como sua educação, acontecem na família, no seu ambiente socioeconômico, cultural e político e no centro pré-escolar e não "asépticamente" em um deles, segundo objetivos individualistas e idealistas. Família e centro pré-escolar, portanto devem estar bem articulados, tentando uma educação coerente. Objetivos comuns e estratégias complementares facilitam o processo educativo e não traumatizam a criança.



Essa união entre escola e família, pode ser um meio pelo qual os professores podem se unir aos pais no processo de valorização de estímulo as leituras, iniciadas em casa. Deste modo, cabe aos professores dar continuidade a leitura na escola, pois esta ação pode vir a ser um recurso utilizado para alcançar a autonomia e a cidadania da criança. Portanto, acreditar em um futuro melhor para nossas crianças é valorizar cada uma delas, o meio em que vivem assim como, a cultura na qual estão inseridas.

Sendo assim, a educação precisa voltar-se também para a utilização dos conhecimentos prévios do aluno, como uma primeira leitura da sua realidade.

A partir desse conhecimento, acreditamos que será desenvolvido todo um trabalho sistematizado, utilizando também as teorias de desenvolvimento da criança, para melhor compreende – lá em sua atualidade, assim como relata Friedmann (2005, p. 11):

É importante contextualizar a criança à qual estou referindo-me, pois é este dado diferencial e fundamental para o meu trabalho. Junto às contribuições das teorias sobre desenvolvimento infantil, que partem de uma criança idealizada, para realizar suas afirmações, podemos ter um panorama mais próximo da criança real com a qual nós convivemos.

A tomada de consciência dessa realidade possibilita ao professor apropriar-se de um caminho percorrido pela história da infância, para estar refletindo sobre a criança de hoje, não tomando toda teoria como conhecimento fechado e único, e sim, partir de uma educação em que professor e aluno crescem juntos em sua aprendizagem, tornando-a significativa e respeitando a individualidade de cada criança.

Pois segundo Didonet ([2002], p. 94).

Cada criança tem seu momento e seu ritmo próprio. Embora o desenvolvimento psicológico siga as mesmas fases ou etapas, o tempo de cada uma pode variar de criança para criança. Em conseqüência, as motivações também. Daí a flexibilidade inerente à forma de conduzir as atividades no grupo de crianças.

Desta forma, procurar compreender o universo infantil, é também considerar a sua bagagem cultural, as informações, os conhecimentos e as vivências que cada criança traz com ela. Precisamos compreender os aspectos do

desenvolvimento e aprendizagem da criança, percebendo qual o real papel da educação infantil na vida do nosso aluno e qual a contribuição de práticas educativas lúdicas no seu desenvolvimento intelectual, social, moral e cognitivo. Tais práticas devem ser planejadas e desenvolvidas de modo que as crianças possam interagir em um espaço mais humano e feliz.

Neste contexto, é fundamental promover ações que valorizem de forma significativa a criança enquanto cidadã, considerando sempre sua condição de sujeito ativo no processo da sua aprendizagem e valorizar sua cidadania, ou seja, ter um novo olhar para a criança como proposto pela ECA em 1990 e apresentado por Leite Filho (2001, p. 31-32).

O ECA, ao regulamentar o art. 227 da Constituição Federal, insere as crianças no mundo dos direitos, mais especificamente no mundo dos Direitos humanos, reconhecendo-as como pessoas em condições peculiares de desenvolvimento, não as considerando como adultos e garantindo-lhes os seus direitos, assegurados em lei especial. Essa lei contribui com a construção de uma nova forma de olhar a criança – a visão de criança como cidadã. Pelo ECA, a criança é considerada como sujeito de direito. Direito ao afeto, direito de brincar, direito de querer, direito de não querer, direito de conhecer, direito de sonhar e de opinar.

Nesta relação com a criança é preciso considerar uma aprendizagem significativa que envolva o respeito à sua cidadania. E neste caminhar, a construção do conhecimento pela criança, predispõe de uma aprendizagem lúdica, realizada pela mediação do professor, que com o lúdico conseguirá atingir mais facilmente o universo infantil. Sendo assim, a criança poderá aprender brincando, divertindo-se através de jogos brincadeiras, leituras de histórias infantis, entre outros recursos que cabe ao educador criar.

Mas o desafio maior está em fazer da educação infantil um espaço para aquisição de conceitos básicos para sua vivência em sociedade e desenvolvimento social, afetivo, físico, cognitivo. E para tanto as atividades lúdicas devem ser valorizadas no ambiente da sala de aula como um recurso que irá possibilitar a criança uma condição motivadora, agradável para se aprender, através das brincadeiras propostas. Brincando a criança pode reproduzir e recriar, ordenar o mundo à sua volta, além de lhe proporcionar as mais diferentes descobertas.

E essas experiências podem ser vivenciadas também através de leituras que irão levá-la para o mundo da fantasia, da criação, do faz-de-conta, no

qual ela consegue expressar-se de forma natural e criativa, criando vínculos afetivos com a história. Por isso, muitas vezes as crianças gostam de ouvir as histórias preferidas várias vezes como relata Batista (2007, p. 115-116) “elas pedem para ouvir, repetidas vezes, aquelas histórias nas quais encontram um maior vínculo como o momento afetivo pelo qual estão passando”.

A criança tem suas próprias idéias, devemos enquanto professores saber ouvir, respeitar as opiniões para que a aprendizagem inicial seja um alicerce para desenvolvimento de sua personalidade, por isso a escola que trabalha com a infância deve.

[...] garantir os alicerces essenciais para o desenvolvimento de uma aprendizagem inicial consistente. Para isto, é fundamental a prática de atividades que levem a criança a relacionar-se, ser e tornar-se, pensar, imaginar, compreender, movimentar-se e expressar-se, participando e contribuindo na construção do conhecimento. As crianças aprofundam a sua compreensão jogando, conversando, planejando, perguntando, experimentando, testando, repetindo e refletindo (MENDONÇA, 2007, p. 67).

Sendo assim, o trabalho a ser realizado na educação infantil precisa ser voltado a ludicidade através de um processo dinâmico e contínuo em que o papel do professor é perceber as necessidades de cada aluno, oportunizando sempre recursos variados para contribuir de forma significativa para a aprendizagem deste, pois as brincadeiras exercem um papel importante na construção de identidade da criança. Sendo assim, enquanto brinca ela têm um espaço com ela mesma e com o meio, onde recria e interpreta o mundo em que vive. E ainda “ao brincar, ainda, a criança está afirmando valores e sentimentos morais e éticos, percebendo o que é certo e o que é errado. Em outras palavras, está criando as bases de sua personalidade” (PASCHOAL; MELLO, 2007, p. 46).

Deste ponto de vista, acreditamos que a leitura praticada como uma brincadeira, ou seja, com intuito lúdico, deve favorecer o interesse do aluno e ao mesmo tempo ser prazeroso para ele. E a narrativa é uma das formas lúdicas de envolver a criança e também pode contribuir para um crescimento intelectual como afirma Batista (2007, p. 107):

O aspecto lúdico da narrativa assegura, não só a gratificação do receptor, mas também, faz-lhe um elogio intelectual, na medida em que suas previsões aproximam de soluções do como. Fica, assim, evidenciado que o prazer advindo do jogo ficcional ultrapassa as fronteiras da simples gratificação competitiva, ao mostrar que as estruturas organizadas em narrativa são construtoras de sentido.

Quando contamos histórias para nossos alunos, mesmo que inconsciente eles manifestam o que vivenciam das leituras. E essas experiências muitas vezes são presenciadas em suas brincadeiras, formando conceitos que serão utilizados na sua vida adulta, pois é através das brincadeiras e leituras que as crianças extravasam seus desejos e sentimentos, aprendem a respeitar o outro se socializando e resgatando sua cultura. Neste contexto, ao narrar uma bela história para a criança, conseguimos emocioná-la, a ponto dela se envolver tanto na história, que usa sua imaginação para projetar-se na mesma. Desta forma a narrativa:

Pelo processo de “viver” temporariamente os conflitos, as angústias e alegrias dos personagens de uma história, o receptor pode multiplicar as suas próprias alternativas de experiência do mundo. O personagem pode, então, emprestar ao receptor sua grandeza e seus limites, vislumbrando outras formas de viver e ver o mundo (BATISTA, 2007, p. 107).

A narrativa proporciona diversão através de dinâmicas que seduzem, utilizam à voz envolvendo a criança na história do princípio ao fim da mesma. Assim a aprendizagem com leitura deve ser enriquecedora, em que as crianças possam se desenvolver como sujeitos ativos e criativos da sua aprendizagem, tornando-se o principal agente desta construção. Portanto, é fundamental na educação infantil a responsabilidade de todos os envolvidos proporcionarem condições para uma prática educativa comprometida com a ludicidade.

De acordo com Didonet ([2002], p. 94).

A ludicidade é uma característica essencial da criança. Tudo para ela é um jogo. O brinquedo é sua forma própria de relacionar-se com o mundo. Pelo brinquedo ela mergulha no significado dos objetos e das situações, apreende-os, incorpora-os ao seu conhecimento e a seu mundo. Brincar é a coisa mais séria, mais absorvente de uma criança. É brincando que ela se desenvolve física e psiquicamente. Todas as atividades educativas em instituições devem ter um caráter lúdico.

Assim, trabalhar na educação infantil e entrar para esse universo fantástico onde o lúdico prevalece, é participar do imaginário da criança, atribuindo significados para essa imaginação. Pois o lúdico não é algo inato, e sim uma interação com o outro e desta forma, aproxima professor e aluno, que por sua vez, faz do brincar um aprendizado para a vida. E ainda diz Paschoal (2007, p.95).

Na organização do conhecimento empírico da criança, devemos considerar as situações de aprendizagem que são geradas na sala de aula, nas brincadeiras, nas conversas, na hora do conto, entre outros. É, nestes momentos, que ela começa a entender melhor o seu viver e expõe sua maneira infantil de ler/ver o mundo.

É necessário proporcionar espaço em sala de aula para as brincadeiras, onde as crianças aprendem a resolver os conflitos que surgem. Acreditamos que

Na medida em que nos convencemos de que o brincar é a atividade da qual a criança mais conhece o mundo físico e mais é levada a organizar e a reorganizar seus processos de pensamento, ao mesmo tempo em que conquista as mudanças qualitativas mais significativas de sua personalidade, passamos a buscar as condições para garantir que este espaço privilegiado em nossa atividade docente na escola da infância (PASCHOAL; MELLO, 2007, p. 49).

Neste contexto, o brincar alegre, anima despertam nossos melhores sentimentos, e por outro lado, contribui de maneira significativa para que as crianças possam formar bons conceitos do mundo que as cerca. Um mundo em que as brincadeiras desenvolvam a autonomia, a criatividade, valorizando a sala de aula como um espaço para essas ações lúdicas, onde o professor vai perceber cada criança traz consigo, reconhecendo-a como um sujeito de direitos, desenvolvendo suas capacidades e habilidades.

Além disso, o educador pode levar o aluno a refletir sobre sua realidade social e cultural através das brincadeiras e dessa forma, oportunizar a esta interação com o outro estabelecendo uma troca de experiência para sua socialização, e aprender a respeitar às diferenças. A prática pedagógica por sua vez, terá um melhor direcionamento, prática essa que respeita sempre o direito da criança à educação de qualidade, em que o adulto venha ser o mediador dessa aprendizagem, pois:

A criança não é um futuro homem, uma futura mulher ou um futuro cidadão. Ela é uma pessoa titular de direitos, com uma maneira própria de pensar e de ver o mundo. A escola deve propor, desde a educação infantil, as experiências sobre as quais será possível fundamentar seus saberes, seus conhecimentos e suas habilidades (TONUCCI, 2005, p.15).

As brincadeiras precisam ser reconhecidas como algo sério, por isso, acreditamos que é papel da escola garantir espaços para atividades lúdicas, e professores que façam das suas práticas educativas ações, onde as brincadeiras transformem as aulas. Assim afirmam Paschoal e Mello (2007, p.51):

O desafio está em deixarmos as crianças livres para brincar num espaço provocador de experiências ricas e diversificadas e aprender a enxergar, nessa atividade, todos aqueles objetivos que temos anunciado para nossas práticas. Se aprendermos a ver no brincar todas as suas possibilidades, nosso trabalho será mais agradável para nós mesmos, educadores, e profundamente mais importante para nossas crianças, em seu presente e futuro.

Por meio de uma proposta educativa voltada para a ludicidade, temos que fazer do ato de ler algo divertido, ou seja, o livro sendo utilizado como um recurso que possa envolver essa ludicidade. Neste contexto, o livro se torna um meio pelo qual, a criança possa brincar e enriquecer sua imaginação, usar a criatividade, desenvolvendo diversas formas de interação e comunicação, ou seja, podemos enriquecer o cotidiano infantil nas instituições de ensino da educação infantil.

Entendemos que leitura deve ter como intuito principal o prazer de ler, mas também acreditamos que é uma oportunidade para essas crianças construírem sua identidade social e cultural e valorizar sua cidadania enxergando com criticidade sua realidade social. E os professores por sua vez, devem fazer do simples ato de ler para a criança uma iniciativa de promover em nossa sociedade atual, a construção de leitores que valorizem o hábito de ler. Essas ações iniciadas desde a educação infantil, podem despertar desde cedo o interesse da criança para a forma como irá agir e estar no mundo, compreendendo e interpretando a si próprio e a sua realidade.

## CAPÍTULO 2

### A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO PARA AQUISIÇÃO DA LEITURA

Acreditamos que durante a infância a valorização das atividades lúdicas no ambiente escolar e fora do mesmo são essenciais para o desenvolvimento e conhecimento da criança.

Entendemos que a leitura iniciada nesta fase pode ser primordial para aquisição do prazer de ler, pois segundo Coelho (1986, p. 17) as crianças passam pela “fase mágica” em que sua imaginação torna-se criadora. O professor neste processo pode ser o mediador dessa construção tornando a aprendizagem da leitura de fato prazerosa e significativa para criança.

É na interação com o meio que se estabelece o início do desenvolvimento infantil. Desta forma, notamos que a criança desde muito pequena aprende a comunicar-se através do choro, anunciando quando está com fome, molhada, com dor, entre outros, esses são os primeiros mecanismos utilizados para se comunicar e interagir com a sua mãe.

Como aponta o Referencial Curricular Nacional Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998, p. 125, v.3):

Muito cedo, os bebês emitem sons articulados que lhes dão prazer e que revelam seu esforço para comunicar-se com os outros. Os adultos ou crianças mais velhas interpretam essa linguagem peculiar, dando sentido à comunicação dos bebês. A construção da linguagem oral implica, portanto, na verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se.

Essa é a leitura que a criança faz do mundo em seus primeiros dias de vida, aos poucos ela aprende a conhecer o mundo à sua volta expressando sentimentos e idéias nas diversas situações que seu cotidiano exige.

Assim, entendemos que aprender a falar exige uma comunicação da criança com as pessoas que estão à sua volta, de maneira informal, essa necessidade introduz a criança no mundo da comunicação, e vai se tornando sua leitura de mundo.

Essa leitura de mundo não é formal como as estabelecidas na instituição escolar, são leituras do seu contexto social e cultural, construídas na sua

interação com o mundo que a cerca, e conforme a criança vai se desenvolvendo, ela busca outras formas para comunicar-se, através da linguagem, gestos, expressões.

Como relata Freire (2001, p.12):

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbucie, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras.

Assim como Paulo Freire (2001) relata em seu livro a importância do ato de ler, sua vivência, também construímos as nossas experiências através das interações com o mundo, nossos alicerces são construídos pela relação estabelecida na interação social, assim conhecemos o espaço que estamos vivendo.

Acreditamos que essa é a leitura informal que a criança faz do mundo e ela se dá na interação principalmente com a família, ou até mesmo por meio de histórias inventadas, ou seja, mitos vivenciados.

Desta forma relata Abramovich (1997, p. 16).

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai, ou dos avós, contando contos de fada, trechos da bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais... contados durante o dia- numa tarde de chuva, ou domingo- ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz.

Não somente a família é quem vai ser responsável pelo conhecimento da leitura, mas todo seu contato social irá influenciar. Entretanto, é a família quem estabelece uma relação muito forte na vivência de todo ser humano, com influências boas ou ruins.

Neste contexto, a partir deste contato com a família, a criança pode descobrir toda uma leitura de imagens a sua volta. Tudo que a cerca oferece subsídios para sua informação, ou seja, a criança começa a perceber o mundo através de informações escritas em propagandas, outdoor, rótulos, tornando parte de seu conhecimento do mundo letrado.

Conforme RCNEI (BRASIL, 1998, p. 121, v.3):



Pesquisas na área da linguagem tendem a reconhecer que o processo de letramento está associado tanto à construção do discurso oral como discurso escrito. Principalmente nos meios urbanos, a grande parte das crianças, desde pequenas, estão em contato com a linguagem escrita por meio de seus diferentes portadores de texto, como livros, jornais, embalagens, cartazes, placas de ônibus etc., iniciando-se no conhecimento desses materiais gráficos antes mesmo de ingressarem na instituição educativa, não esperando a permissão dos adultos para começarem a pensar sobre a escrita e seus usos.

Ao falar de leitura percebemos que no contexto de educação infantil ela está intimamente ligada à construção do conceito da escrita, assim como aponta o RCNEI (BRASIL, 1998, p.122, v.3). Assim para “aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem”.

Sendo assim, o conhecimento sobre o mundo da leitura cresce gradativamente, em práticas cotidianas sem a intenção de introduzir a criança no mundo da leitura, mas torna-se uma forma de apresentar a criança ao mundo da escrita.

Deste modo, as concepções de leitura que a criança vai adquirindo, dará significados para essa escrita e criará formas para utilizar esse aprendizado na sua comunicação com o meio social em que vive.

Assim, toda criança ao chegar à escola já traz consigo um conhecimento que diferencia de criança para criança, conforme as possibilidades de letramento oferecidas pelas famílias, comunidades e o meio social em que vivem.

Esse conhecimento pode ser utilizado pelo professor, pois é ele quem vai sistematizá-lo, atribuindo significado a essa leitura de mundo de forma crítica e prazerosa, desta forma ele poderá estar contribuindo para a formação de um bom leitor. E a educação infantil tem um papel importante e fundamental para essa formação.

Conforme destaca Kato (apud BRITO, 2005, p. 07).

A função da escola é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender as várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como instrumentos de comunicação.

Portanto, ao chegar às instituições de educação infantil a leitura deve fazer parte da aprendizagem do aluno, com intuito de estimular principalmente a criticidade e autonomia do aluno. Os professores por sua vez, precisam utilizar vários recursos e metodologias para atribuir à leitura significado, contribuindo assim para construção de bons leitores.

Vale ressaltar que se a leitura for estimulada na educação infantil, poderá contribuir para melhorar o processo de letramento da criança, desde que o professor esteja apto para essa tarefa.

Assim destaca o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 135, v. 3):

O ato da leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, ele permite às crianças construir um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi, etc.) e pela escrita. A importância dos livros e demais portadores de textos é incorporada pelas crianças, também, quando o professor organiza o ambiente de tal forma que haja um local especial para livros, gibis, revistas etc. que seja acolhedor e no qual as crianças possam manipulá-los e "lê-los" seja em momentos organizados ou espontaneamente.

Observamos assim, que a leitura tem o poder de atingir todas as crianças em todas as faixas etárias, portanto estimulá-la, a nosso ver, é um dos caminhos para alcançar o prazer de ler.

Sabemos que as histórias infantis ajudam a desenvolver na criança uma série de fatores fundamentais ao seu crescimento enquanto sujeito social. Através da construção de sua autonomia enquanto sujeito consciente da importância da leitura, ele poderá analisar a sociedade de forma a participar ativamente dela, com uma visão crítica da realidade a qual está inserido, contribuindo para compreensão de si próprio e do mundo.

Mas o que acontece com as pessoas que não tem acesso à leitura ou, melhor, que não aprenderam a ler? Além do aumento de analfabetos, o que se percebe é que esses adultos são alienados perante os problemas sociais.

Assim, na sociedade capitalista como afirma Pinto (2000, p. 91) “o analfabetismo é uma realidade sociológica”, e muitos desses adultos são responsáveis por decisões importantes na sociedade. Desta forma, acreditamos que a leitura iniciada na educação infantil é importante para aquisição de sujeitos críticos, com autonomia, que sabem se utilizarem desta para compreender os problemas sociais.

Muitas vezes, quando oportunizamos as crianças o contato com o livro, também estamos estimulando a capacidade de tornar-se crítico diante de sua realidade social, enxergando um mundo político a sua volta mesmo que de forma indireta, levando-o futuramente a continuar se auto-educando diante dos problemas sociais.

Mas a leitura deve ser algo prazeroso e que desperte o interesse do indivíduo pela alegria de estar lendo e participando da leitura.

De acordo com Abramovich (1997, p. 17):

É também suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...) É uma possibilidade de descobrir um mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum?Jeito ou de outro - através de problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não) pela personagens de cada história (cada um a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...].

Entendemos que trabalhar com leitura é um ato que exige uma preparação prévia do texto a ser lido. É criar, reinventar técnicas para atingir o seu ápice, tornar o momento da leitura o mais esperado do dia, fazer a “hora da leitura” atingir a todos de forma alegre. Para tanto, é necessário aguçar a imaginação, preparar seu ouvinte. É demonstrar que a leitura nos leva a conhecer um mundo onde também é possível sonhar.

Segundo Abramovich (1997, p. 18):

Para contar uma história - seja qual for - é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples harmônico da voz.

Neste contexto, devemos demonstrar o domínio e o conhecimento da história, criando um clima envolvendo o leitor antes, durante e ao final da história, fornecer condições e espaço para a leitura. Deste modo, o professor precisa gostar da história, jamais improvisar, pois somente desta forma vai dar mais naturalidade e mostrar intimidade com a história, renovando a cada momento as expectativas da criança com a próxima cena.

Sendo assim, preparar o ambiente de leitura é fundamental para o sucesso com estímulo à leitura. Acreditamos que os cantos da leitura contribuem muito para estabelecer esse tipo de adequação a uma boa leitura.

Com base em minhas experiências enquanto professora de educação infantil e no estágio realizado no ensino fundamental, o que se percebe é que em muitas escolas seus professores não estão preparados para essa tarefa; pois alguns professores não gostam de ler, tornam a leitura algo sem entretenimento e com caráter obrigatório. E alguns deles não incentivam os alunos, ao contrário, tornam o momento da leitura um pesadelo para qualquer criança.

Possivelmente as conseqüências futuras para essas crianças, são a falta de entusiasmo com a leitura, dificuldades no aprendizado, dispersões em sala de aula, tornando-se crianças com dificuldades na interpretação e compreensão do que estão lendo. Essas conseqüências podem iniciar na educação infantil e permanecer nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Segundo Coelho (1986, p.16):

Para os pré-escolares, as histórias devem ter enredos simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem o mais possível da vida da criança, de sua vivência afetiva e doméstica, de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados. Assim, ela pode integrar-se com os personagens, consegue "viver" os enredos e sentir-se no "lugar" em que os episódios narrados ocorrem.

Essa afirmação de Coelho vai de encontro a um fato observado em sala de aula. Um aluno, com pouca vivência no meio pouco letrado, filho de pais analfabetos, chegou até escola com extrema dificuldade de comunicação e não conseguia expressar-se, tornando-se muitas vezes indisciplinado, sem limites. Através de uma análise do seu grau de letramento e com várias observações, descobrimos um meio para atingir essa criança com leituras adequadas à sua realidade e idade, despertando o seu interesse. Ao escolher livros relacionados com o seu meio social, os resultados foram surpreendentes.

Portanto, é necessário também que o professor esteja preparado para compreender a situação de letramento das crianças, a fim de oferecer condições para estimular de maneiras diversas a construção da leitura, iniciada na educação infantil.

Conforme Terzi (1995, p. 24):

A confiança mútua pressupõe o respeito mútuo: respeito do professor para com o aluno como ser humano, o conhecimento que traz consigo, sua maneira de aprender, seu ritmo de aprendizagem; respeito do aluno para com o professor como aquele que sabe mais e que, como tal, está em condições de orientar o processo de ensino-aprendizagem.

Partindo do pressuposto de que na educação infantil a criança não sabe ler formalmente, ela não fará a leitura propriamente conhecida nos meios letrados, ou seja, não vai ler a escrita em si, portanto, percebemos a importância da leitura que a criança faz das imagens, ou seja, do letramento oferecido pelo seu ambiente social. O professor conhecendo seu aluno pode fazer a sistematização, aproveitando os conhecimentos prévios trazidos pelas crianças.

A leitura é um dos mecanismos a ser utilizado pelo professor para atingir seu aluno. Lendo para seus alunos os professores irão despertar vários sentimentos, curiosidades, e levar a criança a descobrir outros mundos, o de contos de fadas, por exemplo, levantando hipóteses, resolvendo situações-problemas, temas importantes para seu desenvolvimento nesta fase de sua vida.

Desse modo, o contato com o livro pode ser utilizado em sua metodologia, como um recurso que não faça o aluno sentir-se entediado com o assunto, ou seja, o prazer de ler juntamente com o aprendizado da criança sem que a mesma perceba.

Segundo Abramovich (1997, p. 17).

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo).

A escolha de um bom livro possibilita ao educador agradar seu aluno, para tanto, é interessante que o professor conheça seu aluno em vários aspectos, destacando o letramento que irá contribuir muito para elaboração de seu plano de aula. Selecionando leituras que estimulem a criança a vivenciá-la como algo essencial ao seu conhecimento, iniciando, portanto a criança no mundo letrado de forma prazerosa.

O professor é essencial neste primeiro contato da criança com o livro, é ele quem vai deixar a leitura interessante, aguçando a imaginação do seu ouvinte.

Conforme o RCNEI (BRASIL, 1998, p.135):

A leitura pelo professor de textos escritos, em voz alta, em situações que permitem a atenção e a escuta das crianças, seja na sala, no parque debaixo de uma árvore, antes de dormir, numa atividade específica para tal fim etc., fornece às crianças um repertório rico em oralidade e em sua relação com a escrita.

Cabe aos professores da educação infantil, a tarefa de apresentar uma diversidade de livros que promovam o interesse da criança e ampliem suas capacidades comunicativas. Ela poderá expor suas idéias, aprendendo a valorizar a leitura de um bom livro.

Mas como os professores podem contribuir para esse estímulo a leitura?

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 141, v. 3) aponta a seguinte forma, a criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto é uma forma de leitura e permite a criança se colocar no papel de leitora, mediada pela professora.

Assim como destaca Brito (2005, p. 19):

Ao ler com os ouvidos, a criança não apenas se experimenta na interação, na interlocução, no discurso escrito organizado, com suas modulações prosódicas próprias, como também aprende a voz escrita, aprende a sintaxe escrita e aprende as palavras escritas. Somente assim podemos considerar que a alfabetização (ou letramento) é uma condição fundamental da educação infantil.

O estímulo à leitura está na base, ou seja, a educação infantil é o alicerce para construção de bons leitores, quando o professor contribui com seu papel nessa perspectiva, facilita o desenvolvimento de um trabalho totalmente voltado a uma leitura prazerosa, visando à autonomia da criança.

A construção da leitura envolve todo um processo de compreensão da aprendizagem da criança e dos fatores determinantes para o seu sucesso ou fracasso. É nesse contexto de compreensão da construção de leitores que as experiências de letramento das crianças, influenciam seu desenvolvimento posterior de leitura nos anos iniciais, partindo deste pressuposto em que a educação infantil tem seu papel na contribuição e na introdução da criança ao mundo da leitura.

Conforme Faria (2004, p. 22):

O aprendizado da leitura não dispensa, desde o início da alfabetização, os livros para crianças. O trabalho de automatização da decodificação deve ser concomitante com o da leitura de textos variados. Daí, na iniciação literária desde a pré-escola, a importância dos livros de imagem, com ou sem texto escrito, no trabalho com narrativas. Eles podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura, para além da simples decodificação.

No entanto, é primordial que o professor faça seu papel na educação infantil, começando pelo simples ato de ler histórias para seus alunos, levando-os para o mundo da escrita, alimentando a imaginação e o despertar pela leitura prazerosa, apreciando cada momento em que a história é lida.

A criança através do professor construirá sua iniciação a leitura, valorizando esta como um meio de comunicação, pois é com o estímulo a leitura que a criança começa a compreender o processo da escrita como um meio de comunicar-se com o mundo.

Conforme o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 141 v.3):

É de grande importância o acesso, por meio da leitura pelo professor, a diversos tipos de materiais escritos, uma vez que isso possibilita às crianças o contato com práticas culturais mediadas pela escrita. Comunicar práticas de leitura permite colocar as crianças no papel de “leitoras”, que podem relacionar a linguagem com os textos, os gêneros e os portadores sobre os quais eles se apresentam: livros, gibis, revistas, cartas, jornais etc.

Deste modo, a partir de leituras bem selecionadas e trabalhadas, o professor estimula o interesse de seu aluno pela escrita e tem como pressuposto a escrita de forma a compreender a sua aquisição, ou seja, o significado que a escrita tem em sua vida cotidiana para ir além da simples decifração do código.

Segundo RCNEI (BRASIL, 1998, p. 145, v.3):

Na instituição de educação infantil, as crianças podem aprender a escrever produzindo oralmente textos com destino escrito. Nessas situações o professor é o escriba. A criança aprende a escrever, fazendo-o da forma como sabe, escrevendo de próprio punho. Em ambos os casos, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, considerando as condições nas quais é produzida: para que, para quem, onde como.

Nos anos iniciais, a escrita muitas vezes é confundida com o simples ato de decodificação do código. As crianças são alfabetizadas com cópias das letras sem a compreensão do que estão escrevendo. Entendemos que a escrita, na educação infantil, não deve ter esse caráter tão mecânico, é necessário que as crianças construam com autonomia as suas próprias possibilidades de escrita, elaborando suas hipóteses sobre o assunto, sendo assim a construção da leitura deve ser iniciada na educação infantil mediadas pelo professor.

Desse modo, o despertar para a escrita contribui para a autonomia da criança diante do seu meio social, possibilitando a esta valorizar o contato com diversos tipos de textos.

Assim relata Abramovich (1997, p. 16):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...].



O desafio do prazer de ler iniciado na educação infantil, está em buscar todo um envolvimento com o mundo da leitura, entre a escola e a família. Assim, com uma ação conjunta da escola e da família, a leitura pode surgir na vida das crianças de forma simples e natural. Acreditamos que essa ação coletiva, compartilhada, possa mudar a realidade brasileira onde há um alto índice de pessoas que não gostam de ler, tornando o prazer de ler uma realidade, ou seja, o “gostar de ler” seja um privilégio de todos e que o professor assuma para si a responsabilidade da construção de bons leitores.

Dessa forma, o professor deve ampliar as suas habilidades com a leitura na educação infantil, voltando o seu olhar para sua própria atuação enquanto professor desencadeador de posturas reflexivas perante a sua realidade, ou seja, ser “diferencial” em uma sociedade capitalista em que as desigualdades sociais vêm crescendo a cada dia.

### **CAPÍTULO 3**

#### **LITERATURA INFANTIL:**

#### **UM IMPORTANTE RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DO PRAZER DE LER**

Acreditamos que o brincar para a criança possibilita a diversão o entretenimento, assim como também se torna uma forma de entender o mundo. É neste contexto de construção de conhecimento que a fantasia, o faz-de-conta proporciona a criança vivenciar um mundo mágico, em que se pode brincar, imitar, inventar, expressar sentimentos, interagir com o outro.

A leitura por sua vez, também tem esse caráter, pois quando se é criança as histórias infantis encantam, suscitam a imaginação, despertam para o “mundo do faz de conta”, onde tudo que existe nos livros é possível, os seres inanimados as fadas, as bruxas, os monstros, entre outros elementos presentes nas histórias infantis.

Aspecto esse totalmente importante para o desenvolvimento cognitivo, e ao mesmo tempo um processo que têm implicações importantes também no desenvolvimento enquanto sujeito histórico, particularmente naquilo que se refere à construção de significados sobre o mundo que a cerca. Neste momento da infância, acreditamos que esses elementos presentes na literatura apontada como arte, é muito importantes, pois conforme Coelho (2000, p. 27) “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/ impossível realização [...]”. Além da diversão, a leitura proporciona a criança o observar, refletir, ouvir, sensações que provocam medo, alegria, construindo gradativamente o prazer de uma boa leitura e entendemos que a literatura tem estímulos para essa construção.

Notamos que o livro tem esse “poder” de encantamento, quando utilizado como instrumento de diversão e brincadeira, em que a leitura pode se tornar espaço para a aprendizagem da imaginação e de reinvenção da realidade.

Assim, ao ouvir uma história a criança pode vivenciar um mundo imaginário viajando através das histórias, participando ativamente em cada cena como se fosse um dos personagens do livro. Deste modo, a literatura devido ao seu

caráter de ludicidade e ficção, rico em textos que constituiu um mundo de fantasia têm esse poder.

Visando principalmente o despertar para o gosto de ler por prazer e conhecimento, uma leitura que vai além de uma função somente pedagógica, uma leitura de encantamento que tem como intuito o envolvimento entre o livro e a criança. Fazendo com que essa interação torne-se significativa e possa ampliar o seu conhecimento dos diversos aspectos da produção de uma obra de arte literária.

Como afirma Zilberman (1987, p. 24):

Supondo este processo um intercâmbio cognitivo entre o texto e o leitor, verifica-se que está implicado aí o fenômeno da leitura enquanto tal. Esta não representa a absorção de uma certa mensagem, mas antes uma convivência particular com o mundo criado através do imaginário. A obra de arte literária não se reduz a um determinado conteúdo reificado, mas depende da assimilação individual da realidade que recria.

Desta forma, acreditamos que a infância é o melhor momento para iniciar o processo de estímulo a leitura, motivando as crianças desde cedo a criar hábitos de ler por prazer, utilizando como caminho as histórias infantis e principalmente os textos literários devido a sua riqueza de detalhes, que promovem o entretenimento garantindo o interesse contínuo pela leitura. Sendo assim, o contato com o livro quanto mais cedo melhor, pois esse fator pode contribuir para o domínio da leitura na fase da aprendizagem da escrita.

Desse modo à criança vai interagindo com o livro, formando seus conceitos sobre o mundo com a contribuição da literatura. Assim como relata Cunha (1991, p. 105) “se o homem se constitui a proporção de conceitos, a infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa constituição e a literatura infantil um instrumento relevante dele.”

Mas segundo Faria (2004) em seu livro “Como usar a literatura infantil em sala”, existem poucas iniciativas de trabalho com a literatura infantil e também a falta de pesquisa de caráter didático para utilização da literatura infantil em sala de aula, que muitas vezes é utilizada como uma mera abordagem pedagógica, quando poderia ser um valioso recurso para o estímulo à leitura prazerosa. E os poucos professores que se propõe a trabalhar com a literatura infantil são desvalorizados. Essa falta de preocupação com o trabalho voltado a

literatura infantil está presente até mesmo nos cursos de formação de professores, raramente se encontra uma matéria que desenvolva recursos didáticos para utilização da literatura em sala de aula. Por outro lado, essa ausência tem origens históricas que foi se constituindo ao longo da história e o professor precisa fazer um resgate à literatura infantil. Desse modo, poderá ter outra postura diante do trabalho com a literatura, que não seja essa apontada por Faria (2004, p. 11):

Esta postura, que considera a atividade menor o trabalho com a literatura para crianças e jovens em geral (pesquisa, análise, avaliação, usos na escola), tanto no que diz respeito à literariedade desses livros como à (des) importância de sua leitura na escola, tem origem em diferentes causas históricas.

Neste contexto, o livro para criança passou a existir somente no final do século 17, pois antes não existia a chamada infância, adultos e crianças eram vistos como iguais (ZILBERMAN, 1987, p. 13). Desta forma não se escrevia para criança, segundo Zilberman (1987, p. 13) em seu livro “A literatura Infantil na escola”, somente com a “nova concepção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter a privacidade”, a criança e seu mundo passam a ser percebido enquanto diferente dos adultos, e conseqüentemente passa a existir uma literatura voltada para o público infantil, e a escola por sua vez, se une à literatura para trabalhar com essa faixa etária.

A partir daí, o aspecto do desenvolvimento intelectual da criança passa a ser uma preocupação dos adultos, assim como a manipulação de suas emoções, conforme relata Zilberman (1987, p. 13).

A valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventadas a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão.

Essa tarefa é atribuída à escola, a qual trouxe algumas divergências que distorcem e desvalorizam o trabalho com a literatura, como destaca Zilberman (1987, p. 13) “a aproximação entre a instituição e o gênero literário não é fortuita. Sintoma disto é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo”. Neste contexto, a literatura foi utilizada para educar as crianças com intuito de dominação, uma educação que transmitia os

ideais burgueses sem a promoção da reflexão em torno do contexto histórico a qual estavam inseridos; pois o adulto diante do contexto histórico e ideológico da sociedade elaborou uma concepção de infância em que a criança era um ser frágil, imaturo, que precisava ser educado de acordo com os ideais e conceitos da época.

Torna-se evidente assim que, a literatura era utilizada para “veiculação de conceitos comportamentais” da época. Esse objetivo didático estava comprometido com a dominação da criança, não sendo a literatura reconhecida como arte, tornando-se um fato negativo entre a literatura e a educação. Esquecendo-se que a sala de aula é um espaço para a construção de bons leitores, que valorizam a leitura pelo simples prazer de viajar pela história, e a literatura por sua vez, é um importante recurso para essa formação. Assim como relata Zilberman (1987, p. 14).

De um lado, o vínculo de ordem prática prejudica a recepção das obras: o jovem não quer ser ensinado por meio da arte literária; e a crítica desprestigia globalmente a produção destinada aos pequenos, antecipando a intenção pedagógica, sem avaliar os casos específicos. De outro, a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor de intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmedida sua utilidade.

Desta forma, muitas vezes, a literatura foi utilizada pelos pedagogos e professores, com intuito de transmitir para criança o mundo de normas e valores da classe dominante, sem analisar que esta é uma arte para ser utilizada como um importante recurso envolvendo o estímulo à leitura prazerosa, destacando sempre o seu lado de ficção, possibilitando a criança fazer suas próprias interpretações do texto escrito de forma divertida, com ludicidade. Através de uma boa história a criança tem a possibilidade de compreender mundo a sua volta, assim como afirma Bettelheim (1980, p. 13)

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para problemas que a perturbam.

Entretanto, para que a literatura torne-se um recurso para estimular o aluno a encontrar na leitura o prazer, o livro deve ter como primordial intuito estimular a imaginação da criança. Portanto as histórias devem ser ricas em imagens visuais que despertem sua atenção. Essa literatura envolve e incita no aluno a fantasia, ela faz com que a criança seja transportada para outros mundos imaginários proporcionando assim, uma experiência inesquecível em torno da leitura, criando toda uma expectativa em torno deste hábito.

Desta forma, cabe ao professor analisar a extrema importância e valorização de livros que utilize a literatura reconhecida como arte praticada de forma lúdica e prazerosa para criança, ou seja, uma literatura que promova o gosto pela leitura de forma a trazer uma compreensão do mundo pela criança, que por outro lado também venha suscitar no aluno a reflexão e compreensão da leitura escrita de forma crítica, pois segundo Zilberman (1987, p.27) “isto significa por parte do professor, o reconhecimento de que a leitura é uma atividade decisiva na vida dos alunos, na medida em que, como se viu, permite a eles um discernimento do mundo e um posicionamento perante a realidade”.

Neste contexto, destaca Zilberman (1987, p. 23):

Todavia, é necessário que o valor por excelência a guiar esta seleção se relacione à qualidade estética. Porque a literatura infantil atinge seu estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores. E não é porque estes ainda não alcançaram o status de adultos que merecem uma produção literária menor.

Assim trabalhar com a literatura procede de uma atuação em que o professor utilize textos com qualidade literária que deve ter como finalidade o conhecimento do mundo. Comprometendo-se com uma literatura em que a arte literária promova o gosto pela leitura e ajude o aluno na compreensão da sua realidade. Segundo Faria (2004, p. 19) “sabemos que o texto literário oferece ao leitor a possibilidade de “experimentar uma vivência simbólica” por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou pelas imagens”. Deste modo, através da vivência simbólica a criança pode avaliar o mundo e situar-se nele, obtendo um conhecimento entre a ficção e a realidade e aos poucos aumenta e amplia o domínio da leitura mediada pelo professor.

Desta forma, ao escrever uma pesquisa que vise o caráter do prazer de ler, propondo um estudo sobre o incentivo a leitura na educação infantil, logo se tem a Literatura Infantil como importante recurso para esse processo devido ao seu caráter lúdico, onde as crianças começam a aprender uma diversidade de conhecimento sobre o universo da leitura através da sua imaginação.

Vemos que a criança elabora suas próprias hipóteses sobre um texto escrito, argumentando com suas idéias e ponto de vista, aumentando seu vocabulário, mas também com a história, ela consegue expressar seus sentimentos, através de representações em que a criança possa se identificar com algum personagem da história.

Como se refere Bettelheim (1980, p.16) “devido esta identificação a criança imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela”.

Assim, acreditamos que a criança traz para sua realidade uma forma mais alegre de vivenciar a vida. A literatura devido ao seu caráter de ficção, onde a fantasia está presente, prende a atenção da criança que por sua vez, aprende sempre algo sobre a história.

Conforme Coelho (2000, p. 164) “note-se, porém, que literatura infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, visto que ela se destina a um leitor em especial, a seres em formação, a seres que estão passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida”.

Entendemos que a criança pode trazer o conteúdo da fantasia de uma história para a construção de uma relação de prazer com o livro, num processo permanente que não se limite a sala de aula. Sendo que esta relação com a leitura seja representativa no sentido de ampliar o conhecimento da criança com uma relação criada através do imaginário num processo cognitivo entre o texto lido e o leitor, pois como relata Zilbermam (1987, p. 24):

[...] ao professor cabe detonar das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado.

Desta forma, compreendemos que a literatura infantil tem uma forma alegre de apresentar “o mundo da leitura” para as crianças. Ela pode oferecer subsídios teóricos que contribuem para o incentivo à leitura na educação infantil, para tanto, os professores tem que elaborar todo um trabalho, que irá oportunizar ao seu aluno uma leitura prazerosa, respeitando a individualidade de cada um.

Ressaltamos que o educador deve reconhecer a importância de adequar o livro a idade da criança, considerando assim as fases pertencentes à literatura. Partindo deste pressuposto, é preciso conhecer as fases apontadas pela literatura, pois esse é um elemento que pode contribuir para o desenvolvimento de um trabalho em que se respeite o limite de cada criança, experiências e ligações com o livro a ser utilizado, assim a história fará mais sentido para a criança e será agradável para se ouvir.

De acordo com Cunha (1991, p. 99):

Para literatura Infantil, têm sido consideradas três fases: a do mito, a do conhecimento da realidade e a do pensamento racional. Parece-nos fundamental alertar para relatividade dessas informações. Os limites apresentados são teóricos. Na realidade, cada criança tem seu próprio limite, num desenvolvimento peculiar definido por muitos e diferentes fatores. Mais do que conhecer as fases do desenvolvimento infantil, importa conhecer a criança, sua história, suas experiências e ligações com o livro.

Como foi dito acima, é preciso atentar aos pequenos detalhes que envolvem o trabalho com a literatura infantil e a fase é um deles, considerada como um ponto de referência como aponta Cunha (1991, p. 100) em seu livro “A narrativa para crianças”. Mas acreditamos ser um aspecto pertinente à pesquisa para melhor compreensão do trabalho com a literatura infantil, pois é através de se conhecer pequenos detalhes e que vamos atingir o fim pretendido que é o incentivo a leitura prazerosa.

Enfim, destacamos a fase do mito devido ao seu caráter de fantasia, onde se encontram os mitos, as lendas, fábulas, adequadas às idades das crianças de três a quatro anos, aspecto esse que acreditamos ser importante para o trabalho na educação infantil como relata Cunha (1991, p. 100):



Na fase do mito se encontram as crianças 3/4 a 7/8 anos. Predomina nelas a fantasia, o animismo: tanto quanto as pessoas, os objetos têm para a criança, alma reações. Não existe para ela diferença entre realidade e fantasia, e a leitura a ser feita para criança desta época é a que também não faz distinção: a literatura de maravilhas. Os contos de fadas, as lendas, os mitos e as fábulas são especialmente adequados a essa idade.

Compreendemos que esta fase interessa especialmente a pesquisa, pois visa uma leitura voltada ao público infantil de três a quatro anos, como também está ligada ao mundo da fantasia. A ludicidade está presente de forma alegre, concisa, divertida.

Assim, os livros que tem a fantasia como foco principal irão envolver a criança renovando a cada leitura seu prazer de ler, experiências essas necessárias para desenvolver o contato com o mundo da escrita, e sua capacidade de comunicação. E também por outro lado, os contos de fada presente na literatura que destacam a fantasia, enriquecem o mundo da criança, e permitem a ela aprender a resolver problemas interiores e lidar com eles, mesmo que esses contos foram inventados antes deles nascerem como afirma Bettelheim (1980, p. 13):

Na verdade, em um nível manifesto, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro da compreensão infantil.

Portanto é de extrema importância os professores saberem como utilizar a literatura em sala de aula com intuito de promover segundo Maria Alice Faria (2004, p. 08-09) em seu livro “Como usar a Literatura em sala de aula” “um universo lúdico, com criatividade”. A autora em seu livro não tenciona reduzir a literatura infantil apenas em uma abordagem pedagógica e sim capacitar os educadores para perceber toda riqueza de detalhes típica dos livros para criança. Apontando elementos básicos e trabalhos práticos para o dia-dia, utilizando da leitura de narrativas como “ferramentas literárias”, por outro lado à ilustração, como elemento constituinte do livro em suas diferentes funções e articulação com o texto escrito.

Desta forma, Faria (2004, p. 12) destaca a importância dos professores lerem para as crianças numa linguagem didática e afetiva, utilizando preferencialmente o texto literário, pois o mesmo é considerado polissêmico, apresentando um mundo de conhecimento para seu aluno, estabelecendo uma aprendizagem significativa. Quando a leitura torna-se uma maneira divertida de conduzir uma aula, a brincadeira está presente e quando a criança brinca, relaxa se solta, mistura o real ao imaginário. Aspectos esses que são de extrema importância para valorização de uma leitura prazerosa.

Já o texto literário é polissêmico, pois sua leitura provoca no leitor reações diversas, que vão além do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informações sobre diferentes temas-históricos, sociais, existenciais e éticos, por exemplo -, eles também oferecem vários outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas idéias etc.

Entretanto, para trabalhar a literatura infantil em sala de aula, é necessário saber narrar uma bela história com dramatismo, em que a todo o momento apareçam fatos novos e interessantes, cheios de peripécias e situações imprevistas, movimentando o espírito infantil (CUNHA, 1991, p. 97). Para que desta forma envolva a criança em momento mágico, em que a leitura proporcione momentos de prazer, deixando a criança com vontade, desejo de ouvir a história novamente.

Assim para envolver a criança com a história segundo Abramovich (1997, p. 21-22) é preciso estar atento ao aproveitamento do texto, criando todo um clima de envolvimento, e encantamento, respeitando pausas e intervalos para que a criança consiga construir e visualizar o seu cenário imaginário. Evitar descrições cansativas e cheias de detalhes, saber trabalhar a tonalidade da voz, sussurrando, levantando a voz, valorizando a onomatopéias, para que o ouvinte vivencie e tome sua posição; começando a história sempre com “senhas mágicas como era uma vez”, mantendo o ritmo sem ter pressa de acabar e terminar a história de maneira especial, mostrando para a criança que tudo que ouviu está impresso num livro e ela poderá ler quantas vezes quiser.

Cabe ao professor despertar emoções, estimulando a curiosidade a cada passo da história. Portanto como afirma Faria (2004, p. 14):

O professor, para elaborar seu trabalho com a leitura de livros para as crianças, precisa ler primeiro essas obras como leitor comum, deixando-se levar espontaneamente pelo texto, sem pensar ainda na sua utilização em sala de aula. Em seguida, virá à leitura analítica, reflexiva, avaliativa.

Neste contexto, é fundamental escolher um livro bem acabado, bem feito que aguce os olhos das crianças, com ilustrações interessantes. O educador aos poucos deve articular o texto escrito com o visual, fazendo do momento da leitura a hora mais agradável possível, onde as crianças se sintam hipnotizadas, provocadas a sentir emoções de forma intensa pela história.

Como afirma Abramovich (1997, p. 24):

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa).

Pois quando escolhermos com critérios uma boa literatura infantil, temos a oportunidade de brincar através da leitura, tornando o contato com o livro um momento de diversão escolhendo uma boa trama deixando bem claro como a história acontece, com seu começo, meio e fim, respeitando a seqüências das cenas.

Os professores precisam contar a história com conhecimento, sem improvisações, pois o sucesso da história está em narrá-la com simplicidade e autenticidade estimulante para o seu leitor mirim.

Assim como afirma Coelho (1986, p. 13):

Constada a importância da história como fonte de prazer para criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. O roteiro possibilita transformar o improvisado em técnica, fundir a teoria à prática. O primeiro passo consiste em escolher o que contar.

Para tanto, é necessário utilizar da literatura de uma forma artística, permitindo que a criança divirta-se enquanto vivencia a história, e que de alguma forma essa história quando bem selecionada ofereça recursos para o ouvinte refletir sobre si mesmo, trazendo de alguma forma experiência para sua vida que seja duradoura e importante, pois segundo Coelho (2000, p.164) “Aquilo que não divertir, emocionar ou interessar ao pequeno leitor, não poderá também transmitir-lhe nenhuma experiência duradoura ou fecunda”.

Assim, sua relação com a leitura deve ser sempre prazerosa, promovendo momentos de intensa experiência, enriquecendo sua aprendizagem de maneira significativa, porque a prática de leitura em sala de aula não pode estar ausente, principalmente os contos de fada, pois conforme Bettelhim (1980, p. 20):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significados em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Devemos refletir sempre sobre a prática educativa, procurando enxergar as particularidades de cada criança, sua relação com o mundo, pensando em uma proposta que vai além dos modelos estabelecidos pela sociedade como prontos e acabados, e estruturar as ações em algo que aguace o aluno a ir além do que lhe é proposto, isto é, com autonomia, criatividade, sabedoria, e construir sua aprendizagem de forma significativa estabelecendo novos conceitos.

Sendo assim, nossas intervenções, interações, mediações com a leitura poderão ajudar na construção do conhecimento e desenvolvimento da criança, oferecendo uma diversidade de possibilidades com a leitura dedicada ao mundo infantil utilizando a literatura infantil, que além de promover a diversão, expressão de emoções, entretenimento, permite também com a sua utilização adequada à construção de bons leitores.

Acreditamos que os professores devem valorizar o trabalho com a literatura infantil como uma atividade enriquecedora da criatividade, e autonomia de seus alunos, construídas através de leituras prazerosas onde o professor se comprometa com práticas educativas que envolvam a leitura de forma lúdica centrando seu trabalho na criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, gostaria de relatar o prazer que senti ao realizar este trabalho e também a satisfação ao falar de algo que esteve presente em minha realidade na infância, ou seja, o quanto a leitura foi importante em minha vivência de mundo e como influenciou na minha formação intelectual, social e afetiva. Parte do que sou hoje, devo a esse estímulo que considero relevante para a pesquisa.

Desta maneira, não é possível falar da leitura sem apreciar o que realmente ela desperta na criança: a emoção do ouvir, do sentir, refletir, do olhar para o mundo com mais alegria de viver. Qual criança que ao ouvir uma história não se contagia? Vivenciando um momento de puro encantamento. A leitura por sua vez, provoca as mais variadas sensações, e principalmente o prazer em ouvir uma bela história, que nos faz por alguns momentos viajar no mundo imaginário, mágico, irreal, onde tudo pode ser possível.

Assim, acredito que a leitura jamais pode ser vista meramente como um comportamento mecânico, utilizada somente com o intuito de aprender a ler decifrando o código da escrita, sem nenhuma iniciativa que leve o sujeito a refletir sobre seu próprio ato de ler, fazendo uso da leitura para sua vida cotidiana. E esta reflexão pode trazer subsídios teóricos para transformar seu próprio conhecimento intelectual, moral e social.

Sendo assim, é possível afirmar que ao longo da pesquisa, a leitura revelou-se um importante recurso para ampliar também à linguagem, a aquisição de conceitos, além de melhorar a condição de letramento, portanto é fundamental que os professores de educação infantil assumam para si o papel de estimulador do hábito de ler.

É preciso que em sala de aula o professor desenvolva diferentes estratégias de leitura, principalmente envolvendo a literatura, pois a mesma se configura como uma forma lúdica de envolver a criança, principalmente a narrativa, que traz em si uma essência lúdica, que transforma tudo em uma deliciosa brincadeira, respeitando assim, o direito da criança de brincar, assim como também aprender e refletir sobre os processos da leitura.

Acreditamos que desta forma a criança terá um melhor desenvolvimento, ou seja, o brincar torna a aprendizagem mais significativa para a criança. E como já foi mencionado, cabe ao professor o papel de incentivar a criança a apreciar uma bela história, assim como também ser o provocador de experiências que façam estas pensarem e criarem com as possibilidades da leitura.

Neste contexto, os resultados obtidos com a pesquisa tornam-se o início de um trabalho que não pode parar aqui, é preciso ir a campo verificar na íntegra a proposta da pesquisa.

Complemento aqui esta proposta de trabalhar a leitura na educação infantil com amor e dedicação, pois o professor é mediador do desenvolvimento do gosto pela leitura, oportunizando a criança ver os livros como grandes fontes de informações e conhecimentos, que será importante para sua vida futura. Entendo que a leitura hoje, tem caráter de emancipação política, intelectual, social, afetiva.

Enfim, com desenvolvimento deste trabalho tive ainda mais a certeza do quanto à leitura é importante na vida acadêmica e profissional, ou seja, para a vida. A leitura é um hábito que deve ser estimulado na família e a sua continuidade se dá na educação infantil, pois é na infância que se constroem os alicerces para a vida adulta. Então por que não incentivar a leitura nesta etapa da vida? Mas este deve ser um incentivo que aproveite todo o entusiasmo, curiosidades da criança. Desse modo, acredito que a criança possa ter autonomia nas suas diferentes manifestações enquanto sujeito de direitos e cidadã.

Portanto a pesquisa oportunizou-me refletir sobre a minha prática educativa e ser uma melhor profissional e mais consciente em torno do ato de ler. A leitura pode apresentar todo um conhecimento de mundo, assim como também é uma forma de estar se auto-educando, descobrindo os mistérios do mundo.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997. ( Série Pensamento e Ação no Magistério).
- BATISTA, Cleide Vitor Mussini. **Entre fraldas, mamadeiras, risos e choros: por uma prática educativa com bebê**. Londrina: Maxiprint: 2009.
- \_\_\_\_\_. Hora do conto: um espaço para brincar com as palavras. In: PASCHOAL, Jaqueline Delagado (Org.). **Trabalho pedagógico na educação infantil**. Londrina: Humanidades, 2007. p. 105-133.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada: literatura e teoria**. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1980. v. 24:
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF,1998. v.3, p.115-160.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil. In: GOULART, Ana Lucia de Faria; MELLO, Suely Amaral (Org.) **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 5-20.
- COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Àtica,1986.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. A narrativa para crianças. In: \_\_\_\_\_. **Literatura infantil: teoria e prática**. 12. ed. São Paulo: Àtica. 1991.
- DIDONET, Vital. **Educação infantil. Humanidades**, Brasília, [2002].
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: contexto: 2004. (Série Coleção como usar na sala de aula).
- FORTUNA, Tânia Ramos. A reinvencão da infância. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, v. 2, n. 6, p. 18-21, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FRIEDMANN, Adriana. Panorama e perspectivas da infância no século XXI. In: \_\_\_\_\_. **O universo simbólico da criança**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 1-6
- LEITE FILHO, Aristeo. Proposições para uma educação infantil cidadã. In: GARCIA, R. I; LEITE FILHO, A. (Org.). **Proposição para uma educação infantil cidadã**. em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 29-58.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS FILHO, Altino José. Culturas da infância: traços e retratos que as diferenciam. In: MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Criança pede respeito**: temas em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 1-7

MENDONÇA, Cristina Nogueira. Abordagens de projetos na escola da infância. In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado (Org.). **Trabalho pedagógico na educação infantil**. Londrina: Humanidades, 2007. p. 65-75.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado (Org.). **Trabalho pedagógico na educação infantil**. Londrina: Humanidades, 2007.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MELLO, Suely Amaral. A importância dos jogos e das brincadeiras na infância. In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado (Org.). **Trabalho pedagógico na educação infantil**. Londrina: Humanidades, 2007

PERROTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**: São Paulo: Summus, 1990. (Série Novas Buscas em Educação, v.38).

PINTO, Alvaro Vieira. O Problema da alfabetização. In: \_\_\_\_\_. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 91-105

SILVA, Anilde Tombolato Tavares. Infância e rememoração: reflexões possíveis sobre a experiência do brincar. In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado; BATISTA, Cleide Vitor Mussolin; MORENO, Gilmar Lupion (Org.). **As crianças e suas infâncias**: o brincar em diferentes contextos. Londrina: Humanidades, 2008. p. 41-52.

TERZI, Silvia Bueno. **A construção da leitura**: uma experiência com crianças de meios iletrados. São Paulo: Pontes, 1995.

TONUCCI, Francesco. A verdadeira democracia começa aos três anos. Revista Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 16-20, set./out. 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura na escola**. 8. ed. São Paulo: Global, 1987.